

# PETRÓLEO

POR DENTRO DO

PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ENGENHEIROS DA PETROBRÁS ANO 1 Nº 5 ABR. 1993

## Modelo neoliberal chileno: apenas uma jogada de marketing

**O** Chile é o paraíso terrestre dos nossos neoliberais. Sempre que defendem a privatização, a redução do gasto público, a liquidação do Estado-empresário e a abertura indiscriminada da economia ao exterior, eles citam o Chile como exemplo bem sucedido de ajuste neoliberal – a ser seguido, é claro, pelo Brasil. Pois bem, um trabalho recentemente elaborado pela professora Maria da Conceição Tavares, presidente do Instituto dos Economistas do Rio de Janeiro, para o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), mostra que a versão neoliberal do programa de ajustamento chileno não passa de um exercício de imaginação, de uma ficção destinada a enganar analistas incautos.

Em "As políticas de ajuste do Brasil: os limites da resistência", Conceição Tavares observa que raramente se faz alusão ao poder fiscal e comercial do Estado chileno. "Tal força foi utilizada como instrumento de intervenção econômica, nos ajustes da década de oitenta, a níveis inimagináveis em qualquer país latino-americano, com a possível exceção do México que é o segundo Estado mais forte da região". A professora vai mais longe: "Igualmente não se dá destaque ao poder de compra do setor público e à capacidade de exportação e de geração de receitas para-fiscais das empresas estatais, que exploram o cobre, sem o qual o ajuste bem sucedido dos anos 80 não teria sido possível". O controle das vendas de cobre, garante ao Estado chileno quase 50% das receitas de exportação. Uma situação completamente diferente da existente

no Brasil, onde o setor público tem que emitir moeda ou títulos públicos para adquirir os dólares dos exportadores privados.

O ajuste dos anos 80, foi precedido pela política neoliberal dos anos 70 que apresentou resultados simplesmente desastrosos. "A política de liberalização comercial acompanhada da sobrevalorização do câmbio, levou a economia chilena a produzir déficits comerciais consideráveis, que embora tenham possibilitado a atração de poupança externa não se traduziu numa elevação do nível de investimentos. Assim, com um coeficiente de absorção externa de 7% do PIB em 1980, voltado basicamente para o consumo e a especulação financeira e imobiliária, estavam se criando as condições para o desastre financeiro privado que o choque externo de 1981-82 deixou evidente".

Para fazer frente ao desastre econômico provocado pela liberalização indiscriminada da economia, com seus reflexos sobre o sistema financeiro privado, o Estado chileno foi forçado a realizar "uma intervenção maciça no mercado que significou a estatização da dívida externa privada e do sistema bancário, envolvendo o controle estrito das taxas de juros e do mercado creditício e cambial". Nada menos liberal, portanto. O custo da aventura liberalizante, somando-se as perdas fiscais e a queima de reservas cambiais, foi de US\$ 9 bilhões.

A queda do PIB chegou a 14% em 1982 e a taxa de desemprego alcançou 30% em 1983.

O verdadeiro ajuste macroeconômico começou em fevereiro de 1985, quando o governo para tirar o país do atoleiro utilizou políticas de gasto público e aumentou a proteção efetiva da economia. Conceição Tavares observa que "os ajustes fiscal e do balanço de pagamentos da segunda metade dos anos 80 puderam ser realizados sem efeito recessivo sobre a atividade interna. Ao contrário, tais políticas foram acompanhadas de recuperação da atividade econômica promovida por políticas anticíclicas de gasto público. O investimento público foi derivado da expansão da

atividade produtiva e exportadora estatal e chegou a representar 12% do PIB".

Diante disso a professora Conceição Tavares conclui que "depois de 1985 as políticas macroeconômicas e de reconversão industrial nada tiveram de liberais e implicaram numa participação efetiva e num grau de intervenção do Estado, qualitativo e quantitativo, muito superiores e das demais experiências de ajuste latino-americanas".

Moral da história: o Estado chileno foi o mais intervencionista da América Latina, apesar de seus dirigentes serem adeptos da retórica neoliberal. Só que entre a teoria e a prática há uma distância quilométrica, uma contradição óbvia. Mas, a vã filosofia dos nossos neoliberais, a mitologia que domina seus corações e mentes, não lhes permite fazer uma leitura correta de experiência chilena.

**O estado chileno foi o que mais entrevistou na economia nos anos 80. Nenhum país foi tão longe na América Latina**

**O ajuste chileno foi feito com base num grande avanço nos anos 80 das despesas sob controle do setor público**